

O IMPACTO DO USO EXCESSIVO DE TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Recebido em: xx/xx/xxxx

Aceito em: xx/xx/xxxx

DOI: 10.25110/akropolis.vXXiX.2024-00000



Ana Caroline da Silva Rocha¹
Bruna Moura Estebon²
Julia Martins de Jesus³
Ronaldo Pereira Barboza⁴

RESUMO: Este artigo investiga os impactos do uso excessivo de telas na primeira infância, focando nas consequências psicológicas e sociais dessa prática. A pesquisa é fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural, que considera o desenvolvimento humano como um processo influenciado pelo contexto sociocultural. O estudo destaca que a primeira infância, que abrange os primeiros seis anos de vida, é um período crítico para o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social das crianças. O uso excessivo de dispositivos eletrônicos é identificado como um fator de risco, associado a déficits no desenvolvimento neuropsicomotor, atrasos na linguagem, dificuldades de comunicação e problemas na saúde socioemocional. Além disso, a pesquisa aponta que a modernidade e a cultura contemporânea têm um papel significativo na inserção das telas na vida das crianças, enfatizando a necessidade de educadores e familiares estabelecerem limites e promoverem atividades alternativas. O artigo conclui que é essencial refletir sobre os prejuízos do uso precoce de tecnologias, visando um desenvolvimento saudável e equilibrado na infância.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira Infância; Desenvolvimento infantil; Telas; Psicologia Histórico-Cultural.

¹ Acadêmica de Psicologia da Universidade Paranaense (UNIPAR).

² Acadêmica de Psicologia da Universidade Paranaense (UNIPAR).

³ Acadêmica de Psicologia da Universidade Paranaense (UNIPAR).

⁴ Professor de Psicologia da Universidade Paranaense (UNIPAR).

THE IMPACT OF EXCESSIVE USE OF SCREEN SCREEN USE IN EARLY CHILDHOOD: AN ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY

ABSTRACT: This article investigates the impacts of excessive screen use in early childhood, focusing on the psychological and social consequences of its practice. The research is based on Historical-Cultural Psychology, which considers human development as a process influenced by the socio-cultural context. The study highlights that early childhood, which covers the first six years of life, is a critical period for children's physical, cognitive, emotional and social development. Excessive use of electronic devices is identified as a risk factor, associated with deficits in neuropsychomotor development, language delays, communication difficulties and socio-emotional health problems. Besides, the research points out that modernity and contemporary culture play a significant role in the insertion of screens into children's lives, emphasizing the need for educators and family members to set boundaries and promote alternative activities. The article concludes that it is essential to reflect about the damages caused by the early use of technology, aiming a healthy and balanced childhood development.

KEYWORDS: Early Childhood, Excessive use of screens, Historical-Cultural Psychology, Child development, Technology in childhood

EL IMPACTO DEL USO EXCESIVO DE PANTALLAS EN LA PRIMERA INFANCIA: UN ANÁLISIS DESDE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL

RESUMEN: Este artículo investiga los impactos del uso excesivo de pantallas en la primera infancia, enfocándose en las consecuencias psicológicas y sociales de esta práctica. La investigación se basa en la Psicología Histórico-Cultural, que considera el desarrollo humano como un proceso influenciado por el contexto sociocultural. El estudio destaca que la primera infancia, que abarca los primeros seis años de vida, es un período crítico para el desarrollo físico, cognitivo, emocional y social de los niños. El

uso excessivo de dispositivos eletrônicos se identifica como un factor de riesgo, asociado a déficits en el desarrollo neuropsicomotor, retrasos en el lenguaje, dificultades de comunicación y problemas en la salud socioemocional. Además, la investigación señala que la modernidad y la cultura contemporánea desempeñan un papel significativo en la incorporación de las pantallas en la vida de los niños, enfatizando la necesidad de que educadores y familiares establezcan límites y promuevan actividades alternativas. El artículo concluye que es esencial reflexionar sobre los perjuicios del uso precoz de tecnologías, con el objetivo de lograr un desarrollo saludable y equilibrado en la infancia.

PALABRAS CLAVE: Primera Infancia, Uso excesivo de pantallas, Psicología Histórico-Cultural, Desarrollo infantil, tecnología en la infancia.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica, cuja proposta é abordar o impacto do uso excessivo de telas na primeira infância a partir de uma leitura subsidiada pela Psicologia Histórico-Cultural (PHC), visando entender a relação do uso excessivo de telas com o desenvolvimento infantil, sobretudo nos primeiros anos de vida.

A Psicologia Histórico-Cultural estuda o desenvolvimento humano não somente da óptica biológica do sujeito, mas também pelo contexto social e cultural que está inserido, pois as mudanças históricas vivenciadas criam um novo tipo diferente de ser humano. Este novo modelo de abordagem, tem como seus principais teóricos Lev Semenovitch Vigotski (1896-1934), Alexis Nikolaevich Leontiev (1903-1979) e Alexander Romanovich Luria (1902-1977).

A Primeira Infância, em uma literatura geral do tema, se refere a uma etapa do desenvolvimento humano, período que compreende os primeiros anos de vida de uma criança, desde o nascimento até os seis anos de idade. Nesse estágio, a criança está em constante desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social, adquirindo novas habilidades e conhecimentos por meio da interação com o ambiente e das relações estabelecidas com os adultos e outras crianças. Durante este ciclo, a criança está em pleno desenvolvimento de suas capacidades, o que possibilita modificações relevantes no seu aspecto cognitivo (DIAS; CORREIA; MARCELINO, 2013).

Em relação ao uso de telas, quando utilizado de forma desregrada e excessiva, a mesma pode ser apontada “[...] como fator de risco para interferências no desenvolvimento neuropsicomotor, podendo estar relacionado aos déficits e atrasos na linguagem, comunicação, habilidades motoras e saúde socioemocional.” (MADIGAN *et al.*, 2019, *apud* ROCHA *et al.*, 2022, p. 2).

É importante refletir a respeito dos prejuízos das tecnologias inseridas precocemente na infância, visto que é explicado por Moraes (2016), que lacunas durante o desenvolvimento infantil, podem resultar em problemas que interfiram até a vida adulta, resultando também em uma diminuição na potencialidade dessa criança para atingir metas importantes.

2. O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Ao abordarmos o desenvolvimento humano, é antes de tudo, oportuno primeiramente retomar resumidamente a origem da Psicologia Histórico-Cultural. Trata-se de um sistema teórico, que em sua base constitucional foi norteadada pelos princípios teóricos do Materialismo Histórico-Dialético, desenvolvido por Marx (1818-1883) que compreende o ser humano como uma construção histórica, social e cultural.

Vigotski (2007) em seu livro “A formação social da mente”, parte da premissa que o desenvolvimento humano é moldado e influenciado pelas interações sociais, culturais e históricas, por isso dá ênfase a importância das experiências sociais e culturais na formação do indivíduo. Assim, o autor apresenta três ideias centrais como sendo os pilares de seu pensamento: as funções psicológicas têm um suporte biológico, pois são produtos da atividade cerebral; o funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre indivíduo e meio e a relação homem-mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos.

A primeira ideia central da Psicologia Histórico-Cultural diz respeito às funções psicológicas. Para Vigotski (2007) as funções psicológicas embora só possam ser

evoluídas nas atividades sociais da pessoa, elas têm um suporte biológico, isto significa dizer que as funções mentais, como a linguagem, o pensamento e a memória têm suas bases na atividade cerebral. Ou seja, o funcionamento psicológico está diretamente relacionado à estrutura biológica do cérebro humano.

Rego (1994, p. 42) colabora com este pensamento vigotskiano ao salientar que as funções psicológicas têm uma base biológica que as sustentam, sendo esta base o sistema nervoso central, na qual o cérebro é “[...] produto de uma longa evolução, é o substrato material da atividade psíquica que cada membro da espécie traz consigo ao nascer. No entanto, esta base material não significa um sistema imutável e fixo”.

A segunda ideia diz respeito ao funcionamento psicológico, que se fundamenta nas relações sociais. Para Vigotski (2007), o desenvolvimento psicológico do indivíduo é influenciado diretamente pelas suas interações sociais. A aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades ocorrem por meio das relações estabelecidas com outras pessoas e com o ambiente ao redor. Este ambiente social tem um impacto significativo no funcionamento psicológico. Neste sentido:

Vygotsky afirma que as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são mero resultado das pressões do meio externo. Elas resultam da interação dialética do homem e seu meio sócio-cultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo (REGO, 1994, p. 41).

A terceira ideia diz respeito à relação do homem versus mundo, que é mediada por sistemas simbólicos. Vigotski (2007) defende que a percepção e a compreensão do mundo são permeados por símbolos, como a linguagem e outras formas de representação. Rego (1994, p. 42-43) complementa dizendo que:

São os instrumentos técnicos e os sistemas de signos, construídos historicamente, que fazem a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. A linguagem é um signo mediador por excelência, pois ela carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana. Entende-se assim que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, pois é mediada por meios, que se constituem nas "ferramentas auxiliares" da atividade humana. A capacidade de criar essas "ferramentas" é exclusiva da espécie humana. O pressuposto da mediação é fundamental na perspectiva sócio-cultural justamente porque é através dos instrumentos e signos que os processos de funcionamento psicológico são fornecidos pela cultura. É por isso que Vygotsky confere à linguagem um papel de destaque no processo de pensamento (REGO, 1994, p. 42 43).

Esses sistemas simbólicos são essenciais para a interação do indivíduo com o mundo e para o desenvolvimento de suas funções psicológicas. Dessa forma, os símbolos e signos são elementos fundamentais na mediação das relações entre o indivíduo e o ambiente em que vive (VIGOTSKI, 2007).

Os três pilares apontados por Vigotski (2007) destacam a importância da base biológica, das interações sociais e dos sistemas simbólicos na formação do funcionamento psicológico dos indivíduos. Neste viés a Psicologia Histórico-Cultural destaca a influência do contexto histórico e cultural na construção do conhecimento e da subjetividade humana, enfatizando a importância da mediação simbólica e das interações sociais no desenvolvimento psicológico.

A mediação, conforme Vigotski (1991), é o conceito mais importante dessa teoria, postulando que todas as funções psicológicas superiores, como o pensamento, a linguagem, a memória, a atenção, a percepção, os sentimentos e as emoções, são mediadas por ferramentas culturais. As ferramentas culturais, são produtos históricos da cultura de uma sociedade, criadas e aperfeiçoadas pela própria sociedade. Elas não apenas facilitam a comunicação e a transmissão de conhecimento, mas também moldam a maneira como os indivíduos pensam e percebem o mundo.

Essas ferramentas podem ser materiais, como livros, instrumentos e brinquedos, ou simbólicas, como a linguagem e os signos. A linguagem é a ferramenta cultural mais importante, pois ela não só permite a comunicação, mas também estrutura o pensamento. São essas ferramentas que mediam como os indivíduos se relacionam com o mundo e com os outros (VIGOTSKI, 1991).

Outro aspecto de fundamental importância para esta abordagem teórica, é a interação social, essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), nos ajuda a entender a importância da interação social, quando, Vigotski (1991) a define como a distância entre o que uma criança pode fazer sozinha e o que ela pode fazer com a ajuda de outra pessoa mais experiente.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de "brotos" ou "flores" do desenvolvimento, ao invés de "frutos" do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente (VIGOTSKI, 1991, p. 58).

O processo proporcionado pela ZDP que possibilita a aprendizagem é a internalização, que segundo Vigotski (1991) se dá a partir do processo pelo qual essas interações sociais e culturais são interiorizadas e convertidas em psiquismo. O autor acreditava que o aprendizado se dava primeiramente em nível social sendo o processo mediado pela linguagem, por meio da comunicação e das instruções. Com o tempo, isso se transformaria em processos mentais internos, ou seja, o que antes era mediado por outros, passa a ser internalizado e o indivíduo consegue desempenhar a tarefa de forma independente.

A seguir iremos discorrer sobre as características da Primeira Infância, elucidando também quais dos seus aspectos cognitivos estão em desenvolvimento nesse ciclo, tendo como referência de análise teórica, a Psicologia Histórico-Cultural.

3. COMPREENDENDO A PRIMEIRA INFÂNCIA

Segundo o Ministério da Saúde, a primeira infância é o período compreendido de 0 a 6 anos. É um ciclo que demanda atenção, pois nos primeiros anos de vida a criança estabelece as bases e conexões cerebrais que, quando estimuladas adequadamente, serão fundamentais para o desenvolvimento de habilidades mais complexas. Quando inseridas em um ambiente social, familiar e educacional favorável, a criança terá maiores chances de se adaptar, interagir e entender o mundo ao seu redor. (BRASIL, 2024).

A primeira infância, é o período principal da vida de todos os seres humanos. Essa etapa é essencial, pois é o momento em que a criança é exposta a uma variedade de experiências novas, que desempenham um papel crucial no desenvolvimento de suas habilidades cognitivas, intelectuais e na formação de sua personalidade, é o período onde ocorrem as bases do desenvolvimento (BRASIL, 2024).

Esta importância fundamental aos primeiros anos de vida se dá, por conta que, segundo o Ministério da Saúde:

São nos primeiros anos de vida que ocorrem o amadurecimento do cérebro, a aquisição dos movimentos, o desenvolvimento da capacidade de aprendizado, além da iniciação social e afetiva. Estudos mostram que quanto melhores forem as experiências da criança durante a primeira infância e quanto mais estímulos qualificados ela receber, maiores são as

chances de ela desenvolver todo o seu potencial. (BRASIL, 2024, não paginado).

A citação supracitada destaca a importância dos primeiros anos de vida na formação e desenvolvimento de uma criança. Os primeiros anos de vida são um estágio crítico para o desenvolvimento humano. As experiências vividas durante a primeira infância são determinantes para seu desenvolvimento futuro, tendo em vista que é o período de formação cognitivo, social e intelectual. Quanto mais ricas e variadas forem as experiências durante essa idade, melhor será o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança (BRASIL, 2024).

A Psicologia Histórico-Cultural, conforme Facci (2004) não considera apenas a idade cronológica como parâmetro para determinar os estágios do desenvolvimento humano, uma vez que estes períodos sofrem interferência de acordo com o contexto histórico e cultural que a criança está inserida. Desta maneira:

[...] a psicologia russa tomou como base as ideias elaboradas por Vigotski sobre o problema das idades e as crises pelas quais passam a criança no desenvolvimento ontogenético de sua personalidade. Nessa perspectiva, a infância tem um caráter histórico concreto e as particularidades, as especificidades de cada idade também são historicamente transformadas. Os autores russos, como Vigotski, Leontiev e Elkonin, propuseram uma periodização do desenvolvimento fazendo referência a uma sociedade socialista (FACCI, 2004, p. 76).

Para Leontiev (1978), em seu livro “O desenvolvimento do psiquismo”, cada período histórico do desenvolvimento infantil é caracterizado por uma atividade principal, que norteia a forma de como a criança atua em seu cotidiano. Ao passar do tempo, novas necessidades surgem, gerando crises, essas crises, possibilitam que aquela atividade principal do momento seja substituída por outra, o que configura a passagem de um estágio do desenvolvimento para um novo estágio, na qual a atividade anterior não necessariamente deixa de existir, porém não é mais a atividade dominante.

Ancorado no pensamento de Vigotski, leontiev e Elkonin, Facci (2004, p. 76) explica como se dá a periodização do desenvolvimento humano, ao sublinhar que estes períodos:

[...] possuem uma certa sequência no tempo, mas não são imutáveis. Eles dependem das condições concretas nas quais ocorre o desenvolvimento. As condições histórico-sociais concretas exercem influência tanto sobre o conteúdo concreto de um estágio individual do desenvolvimento como sobre o curso total do processo de desenvolvimento psíquico como um todo. Como exemplo, podemos citar a atividade principal do trabalho que, em cada época da sociedade, alonga-se ou não, de acordo com as exigências sociais. Mesmo no caso da atividade de jogo, em determinados lugares, mesmo no Brasil, onde já foi constatado o grande índice de crianças que trabalham, não podemos dizer que essa atividade seja a dominante no período pré-escolar, pois os limites de idade de cada estágio também dependem das condições históricas concretas nas quais está ocorrendo o desenvolvimento da criança. Esses limites de idade se alteram com a mudança das condições histórico-sociais.

Pasqualini (2016, p. 73), fazendo uma leitura de alguns teóricos pioneiros da Psicologia Histórico-Cultural, como Vigotski, Luria, Leontiev e Elkonin, explica que as crises são contradições necessárias e essenciais para o desenvolvimento humano, já que é por meio delas que o ser humano criará condições para dar um salto no próprio desenvolvimento. “Essa contradição interna, como luta entre forças opostas que se desenvolvem no tempo, é que forjará a formação do novo.”

Explicando estes estágios do desenvolvimento infantil, Martins (2016) discorre que no primeiro ano de vida o bebê tem dependência total do adulto (cuidador), sendo incapaz de satisfazer suas necessidades vitais, e por isso precisa da ajuda do adulto para sua alimentação, higiene, locomoção, etc. nesse período os movimentos são reflexos, involuntários e impulsivos e o bebê apresenta comunicação máxima com o adulto por meio do choro, balbúcio, gritos, gestos, riso, etc.

Neste mesmo sentido, o autor citado abaixo sublinha que nesse período as crianças são basicamente movidas pelas condições biológicas inerentes ao à espécie humana, uma vez que

“[...] pautam as respostas imediatas aos estímulos e expressam uma relação fusional entre sujeito e objeto. Delas resultam os atos reflexos imediatos que, em certa medida, não diferenciam substancialmente a conduta humana da conduta dos animais.” (Martins, 2016 p. 15)

Nessa etapa o adulto deve apresentar o mundo para a criança, por meio de objetos e atividades sensório-motoras, que contribuem para o desenvolvimento dos sentidos (visão, olfato, audição, tato e paladar). O bebê apenas apalpa, agarra e

manipula os objetos, porém ainda não tem conhecimento da função dos mesmos. É aqui que ocorre a primeira crise, pois a criança tem total necessidade de comunicação com o adulto, entretanto não possui recursos para tal, esta crise o motivará a passar para o próximo estágio (MARTINS, 2016).

Em um segundo momento, na primeira infância, o adulto nomeia e transmite para a criança o significado dos objetos, é o início da ação lúdica e a exploração do ambiente físico. A criança em um processo mediado pelo adulto, busca se apropriar da função específica do objeto que aprende com o adulto, seja por imitação ou instrução. Neste período ocorre também o surgimento da consciência e da linguagem (desenvolvimento da fala) (PASQUALINI, 2016).

Podemos dizer que neste período acontece o início do desenvolvimento das funções psicológicas superiores “[...] que não resultam formadas como cômputo de dispositivos biológicos hereditários, mas das transformações condicionadas pela atividade que sustenta a relação do indivíduo com seu entorno físico e social” (MARTINS, 2016, p. 15).

Pasqualini (2016) acrescenta que é também nessa etapa que a criança inicia o processo de controle de suas necessidades fisiológicas, o que lhe possibilita certa liberdade e autonomia, embora, ainda esteja sempre sendo vigiado ou observado pelo adulto, situação que faz com que o surgimento de uma nova crise seja inevitável: a busca de autonomia em contradição com o impedimento por parte dos adultos.

Em seguida, na idade pré-escolar a criança quer sempre fazer o que o adulto faz (imitação). Também toma consciência de novas capacidades e possibilidades de ação, bem como adquire a compreensão das palavras de forma mais clara. A criança quer participar do mundo dos adultos e a brincadeira surge como solução, tais brincadeiras não podem ser confundidas com o trabalho. É aí que surge o jogo de papéis sociais: a criança reproduz as relações sociais e de trabalho dos adultos de forma lúdica, compreendendo que os adultos regem suas relações. Uma nova crise se apresenta: o

interesse pelo conhecimento em contraposição a não ser suprido pelas informações que deseja (PASQUALINI, 2016).

Posteriormente, na idade escolar, de acordo com Martins (2016), a criança apresenta uma busca constante por conhecimento (curiosidade). Igualmente desenvolve a hierarquia dos motivos, ou seja, passam a colocar um grau de importância nas brincadeiras e atividades. A atividade principal desse período é estudar. A criança está sendo alfabetizada e frequentando a escola, o que propicia o convívio com pessoas que não são seus familiares, o que exigirá maior sociabilização, atividades em conjunto, cooperatividade e outras habilidades.

Futuramente a criança vai saltando para os próximos períodos do desenvolvimento humano, como a adolescência, a vida adulta e a velhice. Isto significa dizer que o desenvolvimento humano não é estático, muito pelo contrário, é dinâmico e ocorre até o fim da vida (MARTINS, 2016).

Diversos autores têm discorrido sobre o desenvolvimento infantil, tendo análises e focos diversos de pesquisa sobre o assunto, entretanto, todos são unânimes em dizer que existe um fator essencial para o bom desenvolvimento no âmbito infantil, sendo este “um ambiente afetivo e sensível às necessidades do bebê para que seu potencial inato se atualize e se desenvolva.” (ZORNIG; MORSH; BRAGA, 2010, p. 16).

Na sequência, iremos realizar uma análise sobre os possíveis impactos que podem ocorrer no desenvolvimento psíquico através do uso excessivo de telas, dando ênfase também em o quanto a cultura e as vivências da criança podem interferir para um consumo de tecnologia mais precoce.

4. O USO EXCESSIVO DE TELAS E SUAS IMPLICAÇÕES

Conforme elucidado no tópico acima, a primeira infância é um ciclo crucial do desenvolvimento humano, em que o indivíduo está em pleno desenvolvimento de seus aspectos cognitivos, sendo assim, é essencial que durante essa etapa a criança tenha

contato com objetos e cenários que contribuam de maneira benéfica para esse desenvolvimento.

A tecnologia digital é um recurso que está sendo cada vez mais presente, sendo uma ferramenta de extrema utilidade em quase todos os aspectos, tendo como vantagem sua praticidade e servindo também como um meio de comunicação e entretenimento, ao ponto de fazer parte da vida da maioria das pessoas no mundo atual, tal configuração sugere que viver sem tecnologia digital nos dias de hoje é impensável.

Seguindo este raciocínio, Rocha *et al.*, (2022), no contexto contemporâneo, a disseminação das tecnologias digitais tem tido um impacto significativo na sociedade, afetando também a infância. As crianças estão cada vez mais em contato com diversos dispositivos digitais, como *smartphones*, *tablets*, *notebooks* e *videogames*.

Por mais que essa nova realidade seja vantajosa, analisando o contexto da primeira infância, o uso prolongado de telas é muito prejudicial para esse público, tendo esta afirmação explicada por Fadigas (2022) ao dizer que, o uso de telas nos primeiros 2 anos de vida da criança, pode resultar em atraso no desenvolvimento motor, na qualidade do sono e também no desenvolvimento de interações sociais.

Durante a primeira infância no geral, um consumo maior que 2 horas diárias de telas pode proceder a problemas comportamentais, de autoimagem e atraso em seu desenvolvimento cognitivo. “A recomendação é que crianças menores de 2 anos não usem dispositivos digitais e que as crianças da faixa etária de 2 a 5 anos usem telas por no máximo uma hora por dia [...]”, com conteúdos educativos e compatíveis com a idade (MOON *et al.*, 2019 *apud* ROCHA *et al.*, 2022, p. 2).

É perceptível que o uso de telas pelas crianças está aumentando. Embora haja alguns benefícios do tempo de tela interativo e de alta qualidade, como os relacionados à aprendizagem, o tempo excessivo de tela pode ser associado a efeitos adversos, por exemplo, poderá “[...] ser fator de risco para o sedentarismo e a obesidade, para doenças metabólicas e cardiovasculares, além de reduzir o tempo de interação social, desregular o sono e facilitar a exposição de conteúdos impróprios para a faixa etária.” (KRUPA *et al.*, 2019 *apud* ROCHA *et al.*, 2022, p. 02).

Nobre *et al.*, (2021) relata que no Brasil, um estudo revelou que 63% das crianças entre 2 e 4 anos apresentaram tempo de tela superior a duas horas por dia,

ultrapassando o limite recomendado pelas associações de pediatria. Entende-se também, que nessa faixa etária a criança está em pleno desenvolvimento do seu aprendizado, sendo a adesão da tecnologia um risco para a efetividade desse desenvolvimento, interferindo na maturação de sua percepção, memória, linguagem, sensação, atenção e pensamento (FADIGAS, 2022).

Com a sucessão das telas dentro do âmbito infantil, muitas crianças estão substituindo o tradicional brincar pelo entretenimento proporcionado pelas telas. A brincadeira para a criança tem diversos benefícios no desenvolvimento cognitivo, sendo um exercício onde aprendem regras, desenvolvem habilidades físicas, comportamentais, habilidades sociais, e também criam situações de conflito onde exercitam a resolução de problemas, a empatia e a regular suas emoções. Como resultado dessa “privação” do brincar, a criança pode ter um atraso ou uma dificuldade em desenvolver essas habilidades ao decorrer de sua vida (BRITES, 2020).

Crispim *et al.*, (2022, p. 90) contribui ao citar que o abuso de tecnologias como motivador de problemas neurológicos, acarretando em “disfunções nos circuitos fronto-estriatais-límbicos, acompanhadas por funções executivas prejudicadas, processamento de recompensa prejudicado e regulação emocional deficiente.” Estes fatores citados tem influência no desenvolvimento de patologias responsáveis pela sensação de recompensa exagerada, gerando também na criança uma forte impulsividade.

Apesar do abrangente número de estudos, existem uma vasta quantidade de pais que não tem conhecimento do quão prejudicial essa realidade pode ser para o desenvolvimento e para a regulação de emoções dos seus filhos, fazendo muitos deles utilizarem as telas na tentativa de auxiliar na criação e no entretenimento de seus filhos, este fator é defendido por Gondim *et al.*, (2022) ao elucidar que os responsáveis utilizam das telas como estratégia para disciplinar os filhos, recorrendo a tecnologia como uma possível moeda de troca ao qual a criança será recompensada com a mesma se acaso apresentar um bom comportamento.

É esclarecido também pelos autores Gondim *et al.*, (2022), que os ambientes de aprendizado como creches e CMEI's tem uma contribuição significativa nesse âmbito, onde as telas são introduzidas com a argumentação de que auxilia no aprendizado da

criança e no entretenimento das mesmas, visto que nesses espaços há um número extensivo de crianças para o número de docentes disponíveis, dificultando o manejo e a atenção com elas, sendo assim, as telas estão sendo usadas como uma forma de apoio na tentativa de deixar as crianças entretidas.

Gondim *et al.*, (2022) explica que a soma do tempo gasto em telas tanto em casa quanto nas escolas, é extremamente prejudicial, visto que nem sempre os cuidadores têm controle a qual tipo de conteúdo essa criança está acessando, podendo acarretar em grandes danos. Por estes fatos citados, é essencial que os educadores e familiares possam delimitar o tempo de uso e incentivar que a criança tenha interesse em outras atividades.

Através de algumas análises estatísticas, é perceptível que a cada ano que passa tem um aumento significativo da adesão à tecnologia dentro das residências. Um desses dados foi pesquisado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2019, na qual elucida que “a internet chega a oito em cada dez domicílios do país” (SILVA, 2022, p. 12).

Outro dado apresentado sobre essa adesão, é exposto através do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade de Informação (Cetic.br), informando que “cerca de 89% das crianças brasileiras têm acesso à internet e o estudo similarmente observou o crescente uso dos *smartphones* em comparação com ano anterior, sendo em 2018 de 93% para 95% em 2019” (SILVA, 2022, p. 12).

De acordo com Silva (2022) um fator que contribuiu significativamente para o aumento do uso de telas foi a pandemia do Novo Coronavírus (COVID 19) que gerou uma rápida crise de saúde pública, acarretando no método do *lockdown* (confinamento), o famoso “fique em casa” e o distanciamento social, medidas essas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Em consequência dessas medidas, grande parte da população recorreu a tecnologia como alternativa de entretenimento e de comunicação, visto que para diminuir a contaminação do vírus, não era recomendado sair de suas residências a não ser que fosse extremamente necessário, trazendo para a nação um grande sentimento de solidão e tédio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, a análise dos impactos do uso excessivo de telas na primeira infância revela a complexidade das interações entre indivíduo e seu contexto sociocultural. Vigotski enfatiza que o desenvolvimento humano é um processo mediado por ferramentas culturais e que as interações sociais desempenham um papel crucial na formação das funções psicológicas superiores. Nesse sentido, o uso excessivo de telas pode trazer grandes consequências para o desenvolvimento infantil.

Os dados apresentados demonstram que, embora as telas possam oferecer benefícios educacionais, seu uso desmedido está associado a sérios riscos para o desenvolvimento infantil, incluindo impactos negativos na saúde física, emocional e cognitiva das crianças, comprometendo suas interações sociais e a construção de significados. A abordagem vigotskiana nos alerta para a importância de um ambiente rico em interações significativas, onde as crianças possam desenvolver suas habilidades por meio de experiências diretas e mediadas por adultos.

Nesta perspectiva é fundamental que familiares e educadores adotem uma postura crítica e reflexiva em relação ao uso de telas, promovendo um equilíbrio que favoreça o desenvolvimento integral das crianças. A mediação consciente e a promoção de atividades que estimulem a criatividade, a socialização e aprendizado ativo são essenciais para garantir que as crianças possam se beneficiar das tecnologias de forma saudável.

Considerando que, na primeira infância é de extrema importância proporcionar ambientes ricos em interações sociais e culturais para o desenvolvimento pleno das crianças, pois são fundamentais na construção de suas habilidades sociais e cognitivas e também da sua linguagem, Prestes e Tunes (2018) indica alguns exemplos que servem para diminuir o tempo de tela excessivo das crianças são as brincadeiras de faz de conta, onde as crianças praticam papéis sociais e regras culturais, internaliza normas sociais e desenvolve a capacidade de autocontrole e planejamento. Além de praticar a criatividade e a imaginação. Outra opção bem interessante são os jogos educativos que podem ajudar na compreensão de números, letras e cores. Através disso, a criança internaliza os significados e os conhecimentos que são socialmente compartilhados e, assim, desenvolve suas funções psicológicas superiores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Primeira Infância**. 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/primeira-infancia>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

BRITES, L. **Brincar é fundamental: como entender o neurodesenvolvimento e resgatar a importância do brincar durante a primeira infância**. Editora Gente, 2020.

CRISPIM, M. E. S. *et al.* O Uso Excessivo de Telas Por Crianças Pós Covid-19: Impactos Psicológicos e do Desenvolvimento Infantil. **Estudos Avançados sobre Saúde e Natureza**, v. 5, 2022.

DIAS, I. S.; CORREIA, S.; MARCELINO, P. Desenvolvimento na primeira infância: características valorizadas pelos futuros educadores de infância. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 7, n. 3, p. 9-24, 2013.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento humano psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 64-81, 2004.

FADIGAS, A. C. S. **Riscos para o psiquismo infantil derivados da exposição às telas na pandemia covid-19: uma revisão integrativa**. 2022.

GONDIM, E. C. *et al.* Influências do uso de telas digitais no desenvolvimento social na primeira infância: estudo de revisão. **Revista Enfermagem**, UERJ, v. 30, 2022.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MADIGAN, S. *et al.* Associação entre tempo de tela e desempenho de crianças em um teste de triagem de desenvolvimento. **JAMA pediatrics**, v. 173, n. 3, p. 244-250, 2019.

MARTINS, L. M. Psicologia Histórico-Cultural, Pedagogia Histórico-Crítica e desenvolvimento Humano. *In*: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. *Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: Do Nascimento à Velhice* (1. ed). Campinas: **Autores Associados**, 2016.

MORAIS, R. L. S.; CARVALHO, A. M.; MAGALHÃES, L. C. O contexto ambiental e o desenvolvimento na primeira infância: estudos brasileiros. **Journal of Physical Education**, v. 27, p. e2714, 2016.

NOBRE, J. N. P. *et al.* Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. **Ciência & saúde coletiva**, v. 26, p. 1127-1136, 2021.

PASQUALINI, J. C. A teoria histórico-cultural da periodização do desenvolvimento psíquico como expressão do método materialista dialético. *In*: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. *Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: Do Nascimento à Velhice* (1. ed). Campinas: **Autores Associados**, 2016.

PRESTES, Z.; TUNES, E. (Org). Sete aulas de L.S. **Vigotsky sobre os fundamentos da pedologia**. Rio de Janeiro: e-papers, 2018.

REGO, T. C. **Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico-cultural da Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

ROCHA, M. F. de A. *et al.* **Consequências do uso excessivo de telas para a saúde infantil: uma revisão integrativa da literatura**. João Pessoa (PB): ORCID/FCMPB, 2022.

SILVA, K. O. **Percepção dos/as professores/as sobre a influência do uso de telas no desenvolvimento infantil: dimensões social e cognitiva**. 2022. Monografia (Graduação em Psicologia) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. O instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança. In: *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. M. C. *et al.* (Orgs). Trad. J. C. N. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZORNIG, S. A.; MORSH, D. S.; BRAGA, N. A. Reflexões sobre uma ética do cuidado na primeira infância. **Primórdios-CPRJ**, v. 1, n. 1, p. 15-26, 2010.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Autor:

Autor:

Autor: